

Fontes
Alexander, Michelle.
The New Jim Crow: Mass Incarceration in the Age of Colorblindness. New Press, 2010.

sobre as disparidades, com o foco intencional naquilo que se pode fazer para suscitar mudanças sociais. Podemos aprender alguma coisa se tivermos a mente aberta.

A formação ao nível da diversidade cultural capacita as pessoas no sentido da empatia em lugar da tolerância. A etnicidade e a cultura são realmente aceites na Igreja Adventista ou na comunidade em que se insere? As pessoas que não são brancas têm de passar por um processo de higienização para se “encaixarem” na cultura? Será que tudo o que as outras culturas vivenciam tem de ser demonizado, criticado e ostracizado? Nenhuma cultura é melhor do que a outra – são simplesmente diferentes. Há “unidade na diversidade”, mas não há “unidade na uniformidade”.

Desenvolva uma filosofia para a justiça social: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?” (Miqueias 6:8).

O caso bíblico no que toca à justiça social é descrito em Lucas 6:31, Eclesiastes 4:12 e Apocalipse 14.6. Devemos tratar as pessoas da forma como gostaríamos de ser tratados, mantermo-nos juntos quando somos atacados e pregar o Evangelho a todos aqueles que habitam a Terra.

Por fim, a lei de Cristo é o AMOR. Sem amor não há “gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Galátas 5:22-23, ARC). A Igreja não pode levar as cargas dos outros sem possuir todos os frutos do Espírito que estão incorporados no “amor”.

Ninguém tem todas as respostas sobre o que a Igreja pode fazer. As pessoas podem estar a manifestar-se em frente à câmara municipal, a bloquear o trânsito, a deitar-se no chão durante oito minutos e 46 segundos para

demonstrar solidariedade, mas apenas Deus pode transformar o coração. “E lhe darei um mesmo coração, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei um coração de carne” (Ezequiel 11:19, ARC). Todos podemos receber um coração novo. Todos podemos aprender a amar de forma mais profunda, tal como Deus nos ordenou. Podemos permitir que Cristo perdoe os nossos pecados e cure a nossa terra (II Crônicas 7:14).

(ESQUERDA) Membros da igreja deixam cartazes em comércio que foram danificados ou pilhados; os cartazes dizem “Oramos por vocês: Adventists for Black Lives Matter” (foto de Melanie Taimi).



SOBRE A AUTORA

Sali Butler é mãe de filhas gémeas e avó de dois netos. A sua pequena família inclui 10 homens afro-americanos, dos 8 aos 52 anos de idade, que vivem em cidades espalhadas por todos os E.U. Por cada família negra que perdeu um filho, devido à violência racial na América, tudo isto é muito real – “Quem será o próximo?”.

Distribuído por:
Ministérios da Mordomia da Associação da Flórida
Diretor: Conrad Duncan

Produzido por:
Departamento de Mordomia da Associação União Pacífico
Editorial: Bernard Castillo
Grafico: Stephanie Leal
Tradução: Marlene Freitas

O Menu do MORDOMO

UMA MISCELÂNEA DE IDEIAS PRÁTICAS
para o ajudar a ser um melhor mordomo.

JULHO 2020 • VOLUME 25, NÚMERO 7

[A nossa sociedade experimenta fortes convulsões raciais, porque deixou de perceber um princípio enunciado no cenário do Éden: “Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo o animal” (Gn 1:28). O pecado provocou uma grave distorção de valores e, o ser humano, em vez de dominar sobre os recursos da Natureza, gere-os mal, e tem sido tentado a dominar sobre outros seres humanos – uma raça sobre outra raça; homens sobre mulheres; ricos sobre os pobres; intelectuais sobre os mais humildes, etc. Mas, uma visão inspirada na mordomia cristã deve repor os valores originais. A solução parece estar, unicamente, na volta às origens, ajustando o foco espiritual n’Aquele que “de ambos os povos fez um” (Ef 2:14). A Igreja deve viver um exemplo prático desta Aliança! Oíça o grito bem audível de uma sociedade particularmente martirizada e faça as suas reflexões! Nota: Menu do Mordomo, Portugal.]



OUÇAM-ME

POR SALI BUTLER, MPH PM

Da parte de Pacific Union Conference Regional Ministries

Quando me perguntaram o que a Igreja pode fazer no rescaldo do assassinato de George Floyd, durante os protestos em curso, e no futuro envolvimento da comunidade, precisei de fazer um exame de consciência pessoal para responder. A nossa denominação mundial deveria ter uma resposta justa com

(ACIMA) Jovens membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia Breath of Life, em Inglewood, na Calif., andam pela comunidade com uma camisola que diz: “Adventists for Black Lives Matter” (fotografia de Pono Lopez, pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Long Beach).

A MORDOMIA é um estilo de vida pleno que envolve a nossa saúde, tempo, talentos, ambiente, relacionamentos, espiritualidade e finanças.

“Ouça com o intuito de mudar a trajetória e não manter o status quo.”

um impacto extraordinário em prol da mudança social e da edificação do Reino. No entanto, a caridade começa em casa, por isso temos de ser um exemplo que possa ser repetido ao longo das próximas gerações, com a erradicação da discriminação e do racismo no nosso seio – por muito dissimulados que estejam. Temos de passar do multi-etnicismo para o multi-culturalismo para eliminar o racismo.

Confesse: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.” (I João 1:9, ARC).

Sabia que os cristãos podem viver sem confessarem pecados como racismo, preconceito, discriminação e injustiça? Se a Igreja primitiva teve essas dificuldades, por que razão fingimos que isso não existe no século XXI? Quer se trate das nossas práticas individuais ou institucionais geralmente aceites, há necessidade de confissão e arrependimento. Tokenismo, quotas e catalogação são formas de discriminação relativamente à raça, cultura e género – todos na zona de conforto da negação.

Converse: “Vinde, então, e argui-me, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda

que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã” (Isaías 1:18, ARC).

Este texto pode ser mal interpretado no sentido em que “brancos” é o certo. Por exemplo, nas congregações predominantemente negras, latinas ou doutra etnia, o estilo de adoração está baseado na cultura ou preferência dos brancos. Não há nenhum fundamento bíblico para tal; foi simplesmente assim que os missionários incorporaram as suas preferências nas normas doutrinárias. Deixemos as pessoas adorar de forma

autêntica tal como Deus as criou.

O dom da música e o estilo de adoração das pessoas negras está diretamente relacionado com aquilo que manteve os nossos antepassados suficientemente fortes para suportarem a escravatura, Jim Crow, o aparteid, o movimento dos direitos civis e a era da ação pós-afirmativa. Deus libertou o povo negro várias vezes. Retirar a cultura à nossa adoração é como dizer: “O que tens para estar tão feliz?”

Ouça com o intuito de mudar a trajetória e não manter o status quo. Quando a escravatura foi abolida [nos EUA], o Sul branco desenvolveu imediatamente um novo sistema para dar continuidade ao seu empreendimento de mão-de-obra gratuita – encarceramento em massa.

Milhares de homens, mulheres e crianças foram acusados de vagabundagem, sem o benefício de um julgamento, foram detidos, acorrentados juntos, e enviados de volta aos campos de algodão para pagarem



“Temos de falar sobre as questões raciais. Precisamos de ouvir-nos uns aos outros sem nos ofendermos, exigindo cumprimento ou minimizando experiências.”



(ACIMA) Membros da igreja Adventista das igrejas do Sul da Califórnia ostentam silenciosamente os nomes das vítimas e (EXTREMO ESQUERDO e DIREITO) partilham mensagens inspiradoras (fotografias de Pono Lopez, pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Long Beach).



pelo crime de serem livres.*

Temos de falar sobre as questões raciais. Precisamos de ouvir-nos uns aos outros sem nos ofendermos, exigindo cumprimento ou minimizando experiências. Se alguém partilhar a sua história de cariz racial, simplesmente ouça. Não é a nossa experiência; não podemos compreender, mas podemos demonstrar empatia. Não é o momento para defender o transgressor.

Quatro décadas de presidentes americanos usaram a “guerra contra o crime” para ganhar eleições e dar continuidade à demonização de homens e mulheres negros na América. Destruíram-se famílias e perderam-se vidas. Mais de 85 por cento das pessoas negras que foram condenadas nunca tiveram um julgamento. Em vez disso, foram coagidas a aceitar um acordo – admitindo um crime, sob a ameaça de receberem a sentença máxima se fossem considerados culpados em tribunal, ficando destituídos do direito que a Sexta Emenda concede de ter um julgamento por júri. Estes factos, embora não sejam muito conhecidos, estão bem documentados. É necessário conversar, dialogar e disseminar informação para se melhor compreender a necessidade de uma mudança no nosso sistema judicial. Participe em conversas e mais conversas, sempre a conversar, até poder olhar alguém nos olhos e dizer: “Estou a ver-te. Ouço-te. Compreendo que foste magoado(a).”

Ore por orientação espiritual e compromisso: “Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gálatas 6:2, ARC).

Manter a distância em relação a pessoas de diferentes raças ou culturas é auto-proteção e impossibilita-nos de levar as cargas de alguém, a não ser as nossas. A declaração “Vou orar por ti” é a frase de recurso que usamos para dizer “nós importamo-nos”. Se pararmos o que estivermos a fazer, olharmos para a pessoa nos olhos, pegando-lhe nas mãos, e dissermos “vamos orar”, este gesto implica que sentimos a dor do outro, que queremos ajudar.

Partilhe o que aprendeu: “Ele começou a falar ousadamente na sinagoga. Quando o ouviram Priscila e Áquila, o levaram consigo e lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus” (Atos 18:26, ARC).

Todas as igrejas podem realizar conversas de mesa redonda ou reuniões na junta de freguesia com diálogos abertos relativamente às relações entre raças. Convidem as autoridades locais, assistentes sociais, oficiais da lei, profissionais de saúde e outros especialistas para participarem em painéis de discussão

“Todas as igrejas podem realizar conversas de mesa redonda ou reuniões na junta de freguesia com diálogos abertos relativamente às relações entre raças..”